MONSENHOR JOSÉ CÂNDIDO DE QUEIROZ LIMA

(TRAÇOS BIOGRÁFICOS)

CO. FRANCISCO DE SALES CAVALCANTE

Filho legitimo de Antônio Franklin de Queiroz e Da. Maria Sabina de Queiroz, nasceu na fazenda "São Pedro" de Beberibe, então município de Cascavel, a 27 de setembro de 1849, tendo sido batizado no mesmo ano pelo Pe. Jerônimo Ferreira de Menezes.

Ingressou no Seminário de Fortaleza a 11 de março de 1874, matrícula n.º 337. Recebeu a 1.ª tonsura a 30 de novembro de 1877, as quatro ordens menores a 30 de novembro de 1878, o subdiaconato a 23 de novembro de 1879, o diaconato a 30 de novembro de 1879 e o presbiterato a 7 de novembro de 1880, das mãos de S. Excia. Revma. o Sr. Dom Luís Antônio dos Santos, 1.º Bispo do Ceará. Cantou a 1.ª Missa no dia 14 do mesmo mês e ano, Festa do Patrocínio de Nossa Senhora. No Seminário deixou nota de seu exemplar comportamento e amor ao trabalho. Ocupou naquela casa de formação as cadeiras de Português e Latim em 1880, ano de sua ordenação sacerdotal.

Em 1881, exerceu o ministério como Capelão no lugar "Califórnia" da freguesia de Quixadá. Em 31 de janeiro de 1882, foi nomeado vigário de Boa Viagem, em substituição ao muito digno Pe. Francisco Inácio da Costa Mendes, tomando posse a 2 de abril do mesmo ano. Foi transferido para a freguesia de Beberibe a 14 de janeiro de 1884, tendo empossado antes o seu sucessor, em Boa Viagem, Pe. Raimundo Teles de Souza, a 10 de fevereiro do mesmo ano. Tomou posse da freguesia de Beberibe a 2 de março daquele ano, ali permanecendo até 21 de julho de 1885 quando voltou a lecionar no Seminário de Fortaleza onde ocupou a cadeira de Português.

Em 1.º de julho de 1887, foi nomeado vigário de Maria Pereira, hoje Mombaça, tomando posse a 31 do mesmo mês e ano. Nesta Freguesia exerceu duro e espinhoso paroquiato até 31 de janeiro de 1898

(*) Monsenhor José Cândido de Queiroz Lima; digno e santo vigário de Boa Viagem-Ce., — dedicado inteiramente ao serviço da igreja de Cristo de 1822 a 1884 e de 1898 a 1931. Traços biográficos.

quando pediu ao Bispo diocesano exoneração do cargo. Dom Joaquim José Vieira indeferiu-lhe o pedido, propondo-lhe a escolha de qualquer freguesia da Diocese. O Pe. José Cândido preferiu Boa Viagem sendo nomeado vigário desta freguesia da qual tomou posse no dia 26 de março do mesmo ano.

Em 28 de maio de 1915, por indicação à Santa Sé, do Exmo. Sr. Dom Manuel da Silva Gomes, foi agraciado com o título de "MONSENHOR CAMAREIRO", como prêmio aos seus relevantes serviços prestados à Religião.

Exerceu as funções de Vigário Forâneo durante vários anos sendo substituído em julho de 1934 pelo vigário de Quixadá.

Em 7 de novembro de 1930, o Monsenhor José Cândido celebrou as Bodas de Ouro do seu sacerdócio recebendo, por essa feliz ocorrência, da parte do povo e, principalmente, dos seus colegas vizinhos, carinhosa manifestação. O Cônego Dr. Aureliano Mota, pronunciou magnífica e eloqüente oração gratulatória traduzindo ao povo a alta significação daquela festividade.

Como já estivesse avançado em anos, foi substituído, a pedido seu, em setembro de 1931, tendo exercido o paroquiato em Boa Viagem, durante 33 anos ininterruptamente. Dando posse ao seu sucessor, Pe. Francisco José de Oliveira, ficou residindo numa outra casa de sua propriedade até que resolveu retirar-se da cidade para a fazenda "Bom Desejo", de seu velho amigo José Leal de Oliveira, partindo a 6 de janeiro de 1932. Naquela fazenda, celebrava a santa missa diàriamente e com a pregação catequética aos domingos e dias santos.

Regressou à sua cidade de Boa Viagem na noite de 12 de outubro de 1934, já enfêrmo, conduzido numa liteira, por muitos amigos, inclusive pelo seu "enfermeiro" particular, o farmacêutico Antenor Gomes de Barros Leal. Faleceu às 12,30 hs. do dia 27 de novembro do mesmo ano, com a idade de 85 anos e 2 meses, cercado do carinho e da dedicação dos membros de sua família e dos ex-paroquianos. Foi confortado com os sacramentos da Igreja, assistido pelo então vigário Pe. José Terceiro de Souza, e Pe. João Epifânio de Freitas Guimarães, seu velho amigo e ex-vigário da vizinha freguesia de Pedra Branca. O sepultamento dos seus restos mortais realizou-se no dia seguinte, na capela-mor da Matriz, em meio à consternação geral do povo de Boa Viagem.

Exéquias. — No dia 4 de dezembro, foi celebrada a missa de 7.º dia, cantada pelo Revmo. Pe. Francisco José de Oliveira, ex-vigário desta freguesia e então de Quixeramobim. O côro estêve a cargo das Filhas de Maria sob a direção do Pe. José Terceiro. Após a missa, o Pe. Oliveira fêz tocante oração fúnebre, aproveitando essa circunstância para mostrar aos fiéis a grandeza da alma que neste mundo soube praticar virtudes. Houve, em seguida, a absolvição do túmulo. Tôdas estas cerimônias foram assistidas por uma grande multidão de fiéis, da cidade e do interior.

Assim findou-se a preciosa existência do velho e muito querido "Padrinho Vigário", MONSENHOR JOSÉ CÂNDIDO DE QUEIROZ LIMA.

No dia 1.º de janeiro de 1952, realizou-se, em Boa Viagem, a inauguração, na praça "Monsenhor José Cândido", de um busto de bronze dêsse piedoso e santo sacerdote que foi vigário da paróquia de Boa Viagem no longo período de 1882 a 1884 e de 1898 a 1931.

A homenagem prestada ao venerando apóstolo que tão santamente guiou o seu povo nesta terra de paz e de copiosas bênçãos, teve como principal mentor e ardoroso batalhador, o incansável filho adotivo de Boa Viagem: Antenor Gomes de Barros Leal que neste pequeno torrão cearense estêve radicado desde 1927. Aqui constituiu êle uma nobre e digna família, merecendo também os favores do Céu, pois ofereceu à santa Igreja uma piedosa filha como hóstia pura revestida com o hábito de religiosa salesiana: Irmã Maria Wzelir Carvalho de Barros Leal.

O farmacêutico Antenor Leal pronunciou, por ocasião daquela solenidade, eloqüente discurso fazendo um rápido estudo sôbre a personalidade do inesquecível Pastor. Sua oração é o fundamento do pequeno trabalho que ora apresento aos meus conterrâneos, aos amigos e admiradores do sempre lembrado Monsenhor José Cândido.

Encontram-se aqui trechos escolhidos da bela e comovente peça oratória produzida por Antenor Leal, amigo e profundo admirador do venerando homenageado de quem êle foi dedicado e infatigável enfermeiro até os derradeiros instantes de sua vida.

Quero deixar aqui, para o Antenor, em nome do povo de Boa Viagem, a imorredoura gratidão pela magnífica oportunidade que nos deu de têrmos em nossa praça a imagem do bondoso e inesquecível vigário e guardamos os traços de sua vida benéfica, escritos não só no papel, mas indelèvelmente esculpidos em nossos corações.

*
* *

A mais bela de tôdas as virtudes — diz santo Agostinho — é aquela que nos faz mais semelhantes a Jesus Cristo: a primeira é a humildade, a segunda a humildade, a terceira a humildade, e, se mais vêzes me perguntassem, eu responderia sempre do mesmo modo.

Poderíamos resumir as virtudes que aureolaram a fronte do Monsenhor José Cândido a essa humildade de que nos fala o grande Bispo e sábio Doutor da Igreja. Como era humilde e quase desconhecida a cidade de Ars, na França, assim também era Boa Viagem, no Ceará, quando o Monsenhor José Cândido aqui exerceu o ministério sacerdotal.

Relembrar o seu nome é reviver a grandeza imperecível de sua vida humilde; — "as boas obras são patentes e as que ainda não o são, não podem ficar ocultas" (1.ª Tim. V, 25).

Fêz da vida sacerdotal o denominador comum de sua existência sôbre a terra, espargindo as graças de Deus, cumprindo a divina missão de pregar o Evangelho de Jesus e batizar em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mat. XXVIII, 19-20).

Pregando, aconselhando ou admoestando paternalmente, sua sabedoria era humilde e prudente e sua bondade, ao mesmo tempo, enérgica, tranqüila e acolhedora, porque "a caridade é paciente, é benigna... não é ambiciosa.... não se irrita.... mas alegra-se com a verdade" (1.ª Cor. XIII, 4-6).

Dêste modo, abria fàcilmente o caminho do bem terreno e da felicidade espiritual àqueles que desejavam voltar, como o filho pródigo, à casa paterna, à Igreja de Deus.

Abnegado, compassivo e indulgente, passou pela terra com o seu generoso coração sempre aberto para acolher os que necessitaram e imploraram o seu auxílio, para o corpo ou para a alma, enquanto o seu espírito magnânimo, em fervorosas preces voltava-se para os céus no gesto espontâneo e humilde de infatigável semeador das boas sementes, cujas mãos derramam no seio da terra as futuras riquezas das suas colheitas: "o que lavra, deve lavrar com esperança e o que mói, seja com esperança de perceber dos frutos" (1.ª Cor. IX, 10).

Grandes, abençoadas e frutuosas foram as semeaduras. Muitas das sementes que plantou foram como aquele grão de mostarda de que nos fala S. Lucas: "e cresceu e se fêz grande árvore e em seus ramos se aninharam as aves do céu" (Luc. XIII, 19).

*
* *

O Monsenhor José Cândido conhecia pessoalmente todos os recantos da sua Freguesia. Mais de três quartos da população de Boa Viagem fôra, nos 33 anos de seu apostolado, batizada por êle.

Não se subtraiu jamais ao cumprimento rigoroso dos seus deveres sacerdotais à frente dos destinos espirituais do povo de Deus a êle confiado. Nunca, por motivo algum, fugiu aos dissabores e sofrimentos do seu ministério e às constantes fadigas que a sua idade ia multiplicando. Parecia ouvir constantemente o conselho de S. Paulo: "Tem atenção em ti e no ensino; persevera nisso; porque fazendo-o salvar-te-ás a ti mesmo e aos que te ouvem" (1.ª Tim. IV, 16).

Nunca se descurou de pregar a palavra de Deus aos fiéis. Seus sermões visavam sobretudo a combater a embriaguez, o furto, o jôgo, a preguiça, as danças, preconizando insistentemente o silêncio na Casa de Deus, a necessidade da economia. Um dos seus lemas preferidos era: — primeiro o necessário, depois o útil. Mesmo do púlpito, insistia sempre para que os fazendeiros compreendessem a necessidade que tinham de construir açudes médios como previdência contra as sêcas. Assim, Boa Viagem muito lhe deve por essas proveitosas lições.

Quase aos 70 anos de idade, visitou o seu dócil rebanho; onde quer que houvesse uma lágrima a enxugar, uma dor a minorar, uma falta a perdoar, um espírito a encorajar, lá estava o Monsenhor, ordinàriamente sem nenhum confôrto, "mal passado e mal montado", com aquêle altruísmo sobrenaturalizado, com aquela renúncia indispensável à prática do amor e da caridade: "se alguém quer vir em meu seguimento, renuncie a si próprio, tome a sua cruz e me siga" (Mat. XVI, 24).

Em desobrigas, conduzia sempre uma carga de malas de couro — sua cozinha — para prevenir as deficiências das homenagens do interior da freguesia. O transporte era feito, exclusivamente, em animais muitas vêzes ruins. Fôssem embora longas as viagens, nunca se mostrava aborrecido ou mal humorado. Cumprimentava, indistintamente, a todos por quem passava e, não raras vêzes, parava nas estradas ou em frente às casas para conversar com os conhecidos ou compadres. Parecia sentir-se sumamente feliz estando em amável comunicação com os seus queridos filhos espirituais.

Diríamos que imitava a S. Francisco de Borja que, dormindo sôbre ásperas palhas, sentia tanta consolação que não podia repousar; ou a S. Francisco Xavier que sobrecarregado de trabalhos apostólicos na Índia, experimentava tanto prazer com isso que dizia, muitas vêzes: "Basta, Senhor, não me deis mais consolações, porque o meu coração não pode suportá-las." — "O amor divino ou as graças de Deus — diz S. Boaventura — é semelhante ao mel que faz doces as coisas mais amargas."

O Monsenhor José Cândido costumava falar pouco; as suas palavras, porém, tinham um dom profético, cheias de bom senso e profunda sabedoria. Em tôda a sua vida, verificou-se algo das palavras do velho Simeão ao tomar em seus braços o Menino Jesus: "luz para esclarecer as nações e glória de Israel teu povo" (Luc. II, 32).

*
* *

Antes da grave enfermidade que o vitimou, — afirma Antenor Leal — conheci o Monsenhor José Cândido, em rápidas palestras, quado êle, de guarda-sol na mão, passava, uma vez por semana, para a Agência do Correio, desta cidade, onde ia receber, pessoalmente, a sua correspondência. Eu sentia, ao vê-lo, estranho respeito e admiração... Não era só a mim que a sua figura de apóstolo impressionava, pela humildade do porte e pela palavra de estilo ornamentado de sabedoria e quase místico.

É bem certo que êle teve também o dom de despertar vocações para o sacerdócio. Neste ponto importantíssimo de sua personalidade, peço atenção especial para a carta que aqui transcrevo e que foi escrita em 1948 pelo Pe. José Patrício de Almeida.

"Meu caro Antenor: Ao regressar de uma desobriga, entregaram-me um seu registrado. Tudo o que me vem das bandas do Ceará recebo-o com particular atenção. Se assim é em relação ao Estado, considero o que se refere a Boa Viagem com irreprimível acêrto de ternura. Por isto, li, com muito prazer, o seu cartão e a primeira Ata do Comitê pró-Busto Mons. José Cândido, que tanto bem derramou sôbre nossa terra. Como me alegro observando tão justa e comovente homenagem!... E no meio desta minha alegria, parece que contemplo, palmilhando sob um sol causticante as estradas da Freguesia, a figura pequenina mas sensìvelmente paternal, boa, suave e impressionante de Mons. José Cândido. A primeira vez que o vi foi em 1915 ou 1916, quando êle passava em frente à nossa fazenda "São Luís", para uma confissão, e contava eu 9 ou 10 anos. Mas percebi bem o seu "Boa Tarde" com aquela voz tão sua. Os meus olhos o seguiram e a impressão mais agradável ficou dentro de mim, chamando-me para o Sacerdócio. Oh! como aquêle homem me fêz bem! Nunca mais me esqueci. É por tão comovente motivo que me associo, com o coração em festa, aos meus queridos conterrâneos para essa homenagem tão justa e tão simpática."

*
* *

Na Sagrada Escritura é chamado homem de Deus aquêle que procede bem e vive como deve; um homem que observa fielmente a lei do Senhor, é homem de Deus; enquanto neste mundo vive, serve de guia, com o seu bom exemplo, a muitas almas para o mesmo caminho; morrendo vai para o Céu, mas ainda neste mundo fica ensinando a virtude pelo bom exemplo que aqui deixou.

O Monsenhor José Cândido tinha pelo Santíssimo Sacramento da Eucaristia um amor que chegou, às vêzes, ao extraordinário. Dom José Terceiro, atual Bispo de Penedo, em Alagoas, narrou-me — diz Antenor — que, ainda criança e residindo na fazenda "Pitombeira", município de Boa Viagem, o Monsenhor voltava de uma confissão de enfêrmo e fôra obrigado, por circunstâncias superiores, a pernoitar naquela fazenda. Trazia, entretanto, o Santíssimo Sacramento que não pudera ser recebido pelo doente. Num pequeno oratório da casa, alumiada por duas velas, estava a Hóstia consagrada diante dos olhos piedosos do humilde sacerdote que entrou noite adentro ajoelhado e rezando, em voz alta, as orações do Breviário, não tendo sequer tomado o jantar.

Quanto é feliz aquela alma que vive unida com Deus pela graça! "Muito bem servo bom e fiel: já que no pouco fôste fiel, constituir-te-ei sôbre o muito; entra no gôzo do teu Senhor" (Mat. XXV, 23).

Fato importante na sua vida é que nunca entrou em política, por mais que insistissem os amigos e pessoas de responsabilidade do município. Quando, porém, em 1933 surgiu a "Liga Eleitoral Católica" L.E.C., êle aderiu com simpatia ao movimento.

Quando alguém lhe perguntou: "Monsenhor, vai votar?"

Êle, com aquela simplicidade que lhe era peculiar, respondeu:

— "Por que não?"

E insistindo o interlocutor: "O Senhor já está velho!"

Êle dizia simplesmente:

— "Espere, e os velhos estão fora da obediência à Igreja?"

Com esta lógica, ia calando os que se opunham às determinações das Autoridades eclesiásticas na tomada de posição contra os males da época. Vencia-os sempre com a sua simplicidade e grandeza de coração.

*
* *

Outra página interessante da vida do Monsenhor José Cândido é a que nos mostra fatos que bem dizem do seu espírito profético e divertido. Continuadores da grandiosa missão dos Apóstolos, têm-se manifestado, através dos séculos, muitos sacerdotes virtuosos e heròicamente santos que, por atos e por palavras, apresentaram carismas especiais.

A propósito destas considerações, passo a narrar aqui um fato que muito bem atesta o dom profético ou uma luz especial do espírito de Deus junto ao inesquecível Monsenhor José Cândido.

Sob suas bênçãos e recomendações, ingressaram no Seminário de Fortaleza os jovens José Terceiro de Souza, José Patrício de Almeida e Francisco de Sales Cavalcanti. Quando êsses três seminaristas chegaram a passar as férias juntos em Boa Viagem, nos anos de 1929 a 1931, concordaram piedosamente entre si de irem tôdas as manhãs, antes da missa, à Casa Paroquial, a fim de acompanharem o Monsenhor à Igreja — Matriz. Ao sair dos seus aposentos, o venerando vigário saudava sorridente aos três seminaristas com as palavras latinas: **Benedicta Trinitas!** Osculavam a sua mão sagrada os futuros sacerdotes e o acompanhavam à igreja onde assistiam à santa missa. Esta maravilhosa e impressionante cena repetia-se diàriamente, enquanto os três estudantes estiveram juntos de férias em Boa Viagem.

O espírito do mal, entretanto, desencadeou uma luta sem tréguas contra os futuros operários da grande messe do Senhor. Obstáculos os mais diversos foram surgindo quase invencíveis. O combate foi longo e imenso, mas aquelas palavras do Monsenhor eram um sinal indelével que marcara luminosos os caminhos dos três jovens que passariam pela fornalha ardente da provação ficando, todavia, ilesos da destruição. Depois de uma peregrinação árdua e por demais difícil,

conseguiram transpor as enormes barreiras e a santa Igreja tem, hoje, naquela **Benedicta Trinitas**, um Bispo e dois sacerdotes semeando a Boa Nova do Mestre Divino, salvando almas para o Céu. — "Somos fracos soldados da milícia de Jesus Cristo — diz S. Crisóstomo — se pensamos que podemos vencer sem combater e sem triunfar de nossos inimigos e paixões."

*
* *

Monsenhor José Cândido ria com muita sobriedade e dificilmente, mesmo assim gostava de contar histórias interessantes, verdadeiros exemplos. Sem grande esfôrço de memória, — continua Antenor — relembro algumas "prosas" do velho vigário.

Na noite de 12 de outubro de 1934, fomos buscá-lo, numa liteira, na fazenda "Bom Desejo", onde morava desde 6 de janeiro de 1932 e onde celebrava, todos os dias, o santo sacrifício da missa em seu Oratório particular, chamado "Oratório Jesus, Maria, José".

Aquela noite triste marcava o começo de sua morte gloriosa. Já estava muito doente!... Calmo e sereno, viajava sem queixas ou qualquer reclamação, iniciando a subida de seu penoso Calvário!... Mesmo assim, estava atento a tudo e a todos. Não perdia uma palavra de seus companheiros de jornada. Em meio da viagem, já alta noite, descançávamos um pouco na fazenda "Almas", para que êle pudesse receber assistência!...

No grande sofrimento em que se achava, e contorcendo-se de dores, ouvia, de longe, a história da caçada de um tatu.

João Inácio de Carvalho, nosso prestimoso companheiro, dramatizava a história, repetindo: "o tatu correu, correu muito e entrou no buraco. Cavei, cavei mais, cavei..." — A esta altura, grita bem alto o Monsenhor: "Basta, João Inácio, o tatu já engoliu a alavanca..."

Era mais uma prova de que a dor não o acovardava!

*
* *

Monsenhor não gostava das corridas de cavalos pelo meio das ruas da cidade, como era de praxe naquelas priscas eras. Apreciando, certo dia, uma dessas corridas, apontou para o cavaleiro e disse: — "lá vai, corre o bruto de cima e o bruto de baixo!"

*
* *

Em suas fatigantes desobrigas, andava sempre acompanhado pelo seu dedicado cozinheiro, o Canindé. Em Águas Belas, depois do jantar, sua atenção foi despertada por violenta descompostura entre dois homens que se queriam matar de faca. Monsenhor levantou-se,

foi à cozinha, tomou das mãos do Canindé a bacia de água suja com lavagem de pratos e, sem nada dizer, foi de encontro aos valentões. Calmamente jogou sôbre êles a água, dizendo: "briga de cachorros se aparta com água". — E os dois homens emudeceram; assustados e envergonhados, afastaram-se, tomando direções diferentes.

*
* *

Suas palavras eram, sem dúvida, cheias de ensinamentos. Em certa ocasião, referindo-se ao célebre bandoleiro "Lampião", disse: "pior do que o Lampião, são as "lamparinas" que vivem dentro de nossas casas, de bacamarte na lingua, a passar as mãos por nossos ombros, atirando injúrias e matando a gente". Referia-se às mulheres mexeriqueiras.

*
* *

Perto de morrer, observou os que o cercavam e vendo-os chorando, disse muito piedosamente: "Se hão de chorar, rezem..."

Noutra ocasião, quando se submetia a um curativo doloroso, — diz Antenor — aconselhei-o a gemer. Monsenhor perguntou-me imediatamente: "Para que gemidos de quem tem tantas culpas?..." — De outra vez, a uma pessoa que falava sôbre a morte, êle disse: "Eu só tenho mêdo dos cafundós!" — Esta palavra, no sertão, significa "inferno".

*
* *

Já pertinho de exalar o último suspiro de vida, o Pe. Francisco José pediu-lhe: "Padrinho Vigário, quando chegar no Céu, deixe a pontinha da batina para eu subir..." — O Monsenhor logo respondeu: — "Padre, não se confie... pode ser podre!..."

*
* *

Dom José Terceiro, quando vigário de Boa Viagem, chamou-o de "Padrinho Vigário", pois assim era tratado por todo mundo na freguesia, ao que Monsenhor replicou: "Está ruim... até o vigário me chama de Padrinho Vigário..."

*
* *

Assim era o Monsenhor José Cândido. Bondoso, inteligente, forte e corajoso. Muito mais — continua Antenor — eu poderia dizer sôbre

a vida e trabalho dêsse santo sacerdote. Todos o conhecemos e muitos tiveram a felicidade de privar de sua amável intimidade. Dedicou-se, sem reservas e sem prejuízos para os seus paroquianos, à sua digna família de quem foi o maior e verdadeiro amigo. E todos colheram, nesse privilegiado convívio, algo que não queremos nem podemos esquecer.

*
* *

Referindo-se à sua vida, disse Dom José Terceiro: "Monsenhor José Cândido saía sempre numa linha absolutamente reta da Casa Paroquial para a sua Igreja Matriz. Monsenhor andou sempre em linha reta, como reta foi a sua vida."

*
* *

Assim ficou lembrada a figura tutelar daquele que nos deu o melhor de sua vida e o mais precioso de sua fé apostólica. Terminando o seu importante discurso que aqui transcrevi, quase na íntegra, disse Antenor Leal: — "Aí tendes, meus caros senhores, o que fizemos: medimos de Monsenhor José Cândido a semeadura e contamos-lhe os passos. Prestamos à sua memória merecida homenagem porque incontáveis foram as sementes que plantou e vastos os celeiros que sua bondade e virtudes abarrotaram. Aqui mesmo, presentes a esta festa de mérito e de saudades, tendes frutos da bendita semeadura do santo vigário: Dom José Terceiro de Souza e Padre Francisco de Sales Cavalcanti. Por motivo superior à sua vontade, não está presente o Pe. José Patrício de Almeida. Ainda hoje formam êles aquela **Benedicta Trinitas** saída do coração do Pastor zeloso. Foram sementes que nem os espinhos afogaram, nem as pedras secaram, nem os pés pisaram, nem as aves comeram: "antes, cresceram e frutificaram e, por seus frutos, os conhecereis". Porque não pode a árvore boa dar maus frutos; também não pode o que colhe esquecer aquêle que plantou; esta é a razão primeira da homenagem que acabamos de prestar à memória do Monsenhor José Cândido.

Se não podemos pronunciar-lhe sôbre a campa a palavra da ressurreição e da vida, podemos ressuscitar-lhe a vida espiritual, revivendo-lhe a memória, relembrando-lhe as virtudes, repetindo-lhe as palavras, apontando os seus exemplos. Teremos cumprido, então, para com êle, um sagrado dever de justiça e de gratidão eterna.

De minha parte, — concluí Antenor — sinto-me bem ao ver todo o meu esfôrço concretizado na mudez do seu busto. Aos seus parentes e amigos, apresento os meus parabéns por terem sido agraciados por Deus na posse de um homem que foi, na terra, um verdadeiro justo.

Finalizando, podemos dizer: MENOS UM PADRE NA TERRA E MAIS UM SANTO NO CÉU!"